

ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL NO INSTAGRAM – DIÁRIO ONLINE DE UM PROFESSOR INDÍGENA PAITER SURUI¹

Merekubar Surui²
thallissurui@gmail.com
Josélia Gomes Neves³
joseliagomesneves@gmail.com

Resumo: O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata de uma reflexão sobre as relações entre Alfabetização Intercultural Indígena e os contextos digitais. O objetivo foi documentar a prática pedagógica referente aos processos iniciais de aprendizagem da leitura e da escrita realizada na Escola Indígena de Ensino Fundamental *Nagaxip* Surui, localizada na Aldeia *Payamáh*, Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal-RO por meio da rede social Instagram no período de 2022-2023. Além disso, registramos alguns aspectos da experiência desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) no ciclo 2021-2022. Estas atividades foram possibilitadas pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Urupá de Ji-Paraná, através da Licenciatura em Educação Básica Intercultural e do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA). A metodologia adotada foi a pesquisa (Auto)biográfica e a pesquisa documental. Os resultados apontam que a atividade desenvolvida se caracterizou como uma ação de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT), importante forma de comunicação na contemporaneidade. Concluímos que a produção, seleção e postagens de conteúdos digitais sobre alfabetização em contextos indígenas nas redes sociais, além de favorecer a reflexão sobre a prática pedagógica intercultural, pode contribuir para a disseminação do conhecimento educacional e para a visibilidade dos povos indígenas. Esperamos que esta atividade digital possa incentivar outros professores e professoras indígenas, a compartilhar suas atividades e propiciar discussões sobre as culturas do escrito.

Palavras-chave: Povo Paiter Suruí. Alfabetização Intercultural. Instagram. Aldeia *Payamáh*.

¹Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Rondônia/UNIR – Campus de Ji-Paraná, Departamento de Educação Intercultural (DEINTER), Licenciatura em Educação Básica Intercultural como requisito para o término do referido curso, aprovado por banca examinadora no dia 6 de julho de 2023.

Agradecimentos: Em primeiro lugar eu quero agradecer a Deus, pois foi ele que me deu sabedoria e força nos momentos de dificuldades e abriu o caminho para ter esta oportunidade de fazer o curso e concluí-lo. Agradeço meu pai, o guerreiro Naar Mopi Merep Surui, que me ajudou e apoiou nos meus estudos e também minha mãe que está mais presente aqui comigo, ela também contribuiu nas atividades que realizei durante o curso. Sou grato à minha esposa, a querida Alessandra Magarmetem Surui, a minha filha Thuanny Pagõa Kuyatem Surui pela atenção e carinho nesta caminhada. Quero também agradecer minha orientadora Professora Doutora Josélia Gomes Neves, pelas discussões durante o curso e na elaboração da minha monografia. Agradecimento aos membros da banca examinadora, Prof.^a Dra. Mary Gonçalves Fonseca e ao Prof. Mestre Cristovão Teixeira Abrantes. Meu obrigado a UNIR e aos docentes do Departamento de Educação intercultural: Genivaldo, Vanubia, Maria Lúcia, Ana Frida, Carma, Quesler; Kécio, Gicele, Roseline, Luciana, Cristovão e Carlos. Grato ao Vice Cacique Geral do Povo Paiter, Uraan Anderson Surui, membro de honra da banca.

Agradeço ao meu Povo Paiter, ao Cacique geral do Povo Surui, Almir Surui, e ao Vice Cacique Uraan Anderson Surui, que vem lutando pela Educação Escolar Indígena na busca por uma educação de qualidade e diferenciada para os indígenas do estado de Rondônia.

Gratidão aos participantes da pesquisa: Naar Mopi Merep, às crianças Ilhiran Surui, Josué Oykayoh Suruí;

² Estudante do Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural, UNIR – Campus de Ji-Paraná. Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) no ciclo 2021-2022 como bolsista CNPq. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA) na Linha de Pesquisa Alfabetização & Cultura escrita.

³ Professora Orientadora, docente do Departamento em Educação Intercultural (DEINTER), UNIR/Campus Ji-Paraná.

Introdução

A intenção que mobilizou a elaboração desta pesquisa foi a necessidade de conhecer como as crianças indígenas da Amazônia têm aprendido a ler e escrever no âmbito dos estudos da Alfabetização Intercultural. Diante disso, propomos o seguinte problema de pesquisa: é possível demonstrar a prática pedagógica em Alfabetização Intercultural na perspectiva Paiter Surui na rede social Instagram?

Nesta direção, o objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)⁴ foi documentar a prática pedagógica sobre os processos de aprendizagem inicial da leitura e da escrita que são desenvolvidos na Escola Indígena de Ensino Fundamental (EIEEF) *Nagaxip* Surui, localizada na *Aldeia Payamáh*, Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal-RO por meio da rede social Instagram de julho de 2022 a junho de 2023.

Na construção deste estudo foi preciso utilizar a pesquisa (auto)biográfica, uma metodologia que valoriza as experiências das pessoas como importante forma de elaboração de saberes, pois: “Se é verdade que o homem [e a mulher] é um ser contador de histórias [...] a investigação de caráter qualitativo tem tido o mérito de explorar e organizar este potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através dele”. (CUNHA, 1997, p. 192). Neste sentido, além de registrar minhas narrativas, incluí também os relatos de Naar Mopi Merep Surui sobre a história do Povo Paiter Surui.

A pesquisa documental, recurso que utiliza materiais que não foram analisados (GIL, 2008), foi necessária para enriquecer os conhecimentos sistematizados sobre o tempo da colonização, temática que compõe os estudos de Alfabetização Intercultural através da educação crítica (FREIRE, 1996). Por causa disso, recorreremos a um jornal que noticiou os conflitos que aconteceram através das invasões na Terra Indígena Sete de Setembro. Consideramos também como documentos escolares os resultados da sondagem, obtidos através das entrevistas com as crianças indígenas, bem como as postagens feitas na rede social Instagram.

⁴ Nota da orientação: A escrita deste TCC negocia com as exigências da redação acadêmica e gramatical, entretanto, inclui modos específicos de relação do autor com o português enquanto segunda língua, a nosso ver, um aspecto importante que evidencia marcas do bilinguismo adotado entre os Paiter, aspecto observado em outros trabalhos (SURUI, 2015). Uma destas características, é a pouca utilização de artigos, por exemplo, o que pode caracterizar certa caracterização de português étnico ou intercultural.

A principal justificativa que amparou a proposta deste estudo foi a possibilidade de favorecer os processos de reflexão para a formação docente intercultural articulada à ciência e tecnologia social de modo a propiciar “[...] a melhoria da educação científica, a popularização da C&T e a apropriação social do conhecimento”. (BRASIL, 2016, p. 100) por meio dos recursos educacionais abertos.

O trabalho está organizado nos seguintes tópicos: o primeiro trata da contextualização da minha etnia, através da apresentação de alguns aspectos históricos do Povo Paiter Surui; o segundo é sobre as minhas memórias de infância e alfabetização. Posteriormente, foi feita a discussão teórica sobre Alfabetização Intercultural, temática principal do presente estudo.

Na sequência, apresento um pouco do resultado do estudo sobre Alfabetização Intercultural no Instagram na perspectiva Paiter Suruí desenvolvido como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI); a realização da sondagem de alfabetização que foi produzida neste período e sua principal repercussão, a reflexão sobre o “Diário Online de um Professor Paiter Suruí na rede social Instagram”.

1. Contextualização: um pouco da História do Povo Paiter Surui

De acordo com relato do Naar Mopi Merep Surui, um dos mais velhos e cacique da aldeia, *Payamáh*, Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal-RO, o Povo Surui também é conhecido como “os Paiter” que significa “gente de verdade”, porque nossa aparência, a imagem, o comportamento, diálogo com outro indivíduo tem comportamento de humano, muito diferente dos animais. Disse que antes de contato com não indígenas a gente “tinha” e acreditava em Deus.

A partir dessa compreensão, vivíamos respeitando uns aos outros e vivendo culturalmente. Diz ele que aquele que praticava a cultura, tradição, costumes, crenças naquele tempo era considerado gente de verdade. Um dos exemplos é a tradição menina moça, depois de longo processo era casada somente com tio. O homem quando completava 40 anos fazia *ypoh katap* que era um tipo tatuagem um risco da orelha passando de baixo do nariz até outra orelha, e depois de muito tempo fazia *yurip* um risco que parece com letra U que significa que está pronto para tudo, para guerra, casar, viver independente.

Naar Surui informou que avô dele contava uma história que o Povo Paiter Surui veio do Mato Grosso devido a perseguição e guerras com não indígenas e com indígenas de outras etnias. Durante muito tempo os parentes atravessaram um tipo de campo muito grande que tinha só capim, não tinha floresta. E que durante esta caminhada, alguns Paiter não conseguiram terminar e acabaram morrendo, porque era muito longe e naquele lugar era difícil encontrar água. Informou que o avô dele fez essa trajetória que se chamava de *Kalaah*. Em uma viagem a Cuiabá ele relembrou sua história.

Na atualidade o Povo Paiter Suruí, ocupa a Terra Indígena Sete de Setembro, localizada nos estados de Rondônia e Mato Grosso. A comunidade é formada por 1.440 pessoas, organizadas em 4 (quatro) clãs: *Gameb, Gabgir, Kaban e Makor*. Seus processos comunicativos ocorrem na língua materna Tupi Mondé e como segunda língua, o português, utilizado em suportes eletrônicos e de papel. Em tempos outros, como afirmou Naar Mopi Merep Surui, os Paiter organizavam suas vidas por meio de andanças nômades em seus territórios tradicionais situados na divisa dos atuais estados do Mato Grosso e de Rondônia.

Em 1969, o Estado brasileiro estabeleceu relações com a etnia oficializando o contato (MINDLIN, 1985) e em 1983 a Terra Indígena (TI) Sete de Setembro foi finalmente homologada mediante publicação do Decreto Presidencial nº 88.867. mas, as duas primeiras décadas foram marcadas por invasões, doenças e fome, impactos diretos da colonização (SURUI, 2018), conforme registros da mídia:

Figura 1 – Invasão no território Sete de Setembro.

Índios Suruí não arredam de Cacoal

MONTEZUMA CRUZ
Do correspondente

CACOAL (Rondônia) — Dispostos a lutar e com a paciência quase esgotada pelas promessas de uma solução na demarcação de suas reservas, os índios Suruí, reunidos ontem nas proximidades da sede do posto indígena "Sete de Setembro", nesta localidade, manifestaram-se definitivamente contrários à invasão de suas terras por parte de colonos paranaenses e alguns invasores, que atualmente se misturam na região.

A disputa arrasta-se desde 1968, mas só há um mês apresentou resultados fatais, com a morte de um índio e dois brancos. Reduzidos, e na sua maioria doentes, os 176 Suruí que vivem dentro do posto, juntamente com os 80 que habitam choças próximas a Espigão do Oeste, não escondem mais seu desejo de expulsar o branco invasor, a tiros ou flechadas. Um encontro de ambas as partes, agora, significaria o fim.

Ontem, o sertanista Apoena Meireles, chefe do Parque Nacional do Aripuanã, e que se encontra na área desde as últimas semanas, em com-

panhia do sertanista Almoré, também da FUNAI, disse que "ficava mais tranquilizado com a informação de que o Comando de Fronteira Acre-Rondônia (CFAR), enviaria um pelotão para a reserva, a fim de garantir os trabalhos de demarcação. até agora não iniciados pela Plantel, uma firma goiana de topografia, que terá condições de reestruturar todos os seus planos, contando inclusive com o apoio indígena".

Por enquanto, nenhum reforço oficial chegou à área, e alguns posseiros, dias atrás, dispararam tiros de espingarda contra o adielamento da tribo, principalmente numa noite, causando verdadeiro clima de apreensão, embora não se tenham registrado vítimas. "Aqui, continuamos ansiosos por uma ação mais forte das autoridades, e vemos com certo receio a manifestação dos Suruí, particularmente de uma liderança jovem, que já está pronta para combater os "yara" (brancos). Ou nos garantem agora, ou nunca a terra será demarcada. A FUNAI já tentou, por todos os meios, evitar atritos. Todavia, esses posseiros recusam-se a aceitar propostas, por mais

razoáveis que sejam", desabafa Apoena Meireles.

REUNIÕES FRACASSAM

Com o fracasso de uma primeira reunião promovida pela FUNAI e INCRA, ele não se dispôs a participar de uma terceira, que estava marcada para esta semana. A segunda também fracassou.

São cerca de seis mil pessoas, entre os posseiros propriamente ditos e os invasores, que entraram diante das linhas demarcatórias da reserva Suruí. O INCRA, por sua vez, está sendo acusado de manter o projeto "Gy-Paraná", quase 40 quilômetros dentro das reservas, segundo conta o chefe do posto Sete de Setembro, Francisco Assis Silva, cinco anos na região e no cargo há um ano.

Contatados em 1969, os Suruí começaram a plantar alguma coisa em Cacoal, logo depois, por iniciativa da FUNAI. "Hoje, temos orgulho — revela Apoena Meireles — em dizer que eles têm 300 sacas de feijão para vender e uma boa área, que possibilitará a produção de 100 sacas de arroz até o final do ano, indows...

Fonte: Folha de São Paulo (São Paulo - SP) por Montezuma Cruz, 23.08.1976.

Atualmente, nós, povos indígenas, temos sofrido a ameaça do chamado Marco Temporal. É uma concepção que se for aprovada pelo Estado brasileiro pode prejudicar muito, pois de acordo com esta ideia, só têm direito às terras os povos que já ocupavam estes espaços em 1988, ano da publicação da Constituição Federal. No meu ponto de vista o Marco Temporal é mais uma das estratégias dos ruralistas para dificultar a regularização dos territórios originários, uma forma de abrir caminho para mais invasão.

A demarcação de Terras Indígenas é um direito dos povos, garantido na Constituição de 1988. Não vamos parar de lutar e reivindicar os nossos direitos, vamos continuar fazendo movimento indígena, divulgando nosso pensamento através também de WhatsApp e das redes sociais como Instagram e Facebook. Sabemos que antes dos portugueses invadirem o Brasil, os nossos antepassados já estavam aqui e que parte deles foram exterminados. Nos dias atuais querem tirar o pouco das terras que sobraram. E por isso continuaremos lutando pelos nossos direitos.

Em relação às lutas do povo Paiter Suruí, ainda há grandes problemas que nos aflige, mas a cada dia elaboramos formas de re-existência para permanecer lutando pelo bem viver, pois vivemos em meio à tradição e a modernidade conforme estudo que desenvolvemos durante o PIBIC:

Analizamos um conjunto de indicadores culturais que foram citados por Betty Mindlin no livro *Nós Paiter* (1985) e que na perspectiva de três estudantes universitários do Povo Suruí grande parte deles continuam sendo praticados nas aldeias, no âmbito da Tradição, mas não exatamente da mesma forma descrita no livro. Estes termos que passaram pelo reexame dos (as) estudantes indígenas Paiter evidenciaram que as práticas culturais existentes foram de algum modo alteradas e estes efeitos incidem sobre suas atuais identificações [...]. (NEVES; SURUI; SURUI, *et al.*, 2022a, p. 89).

Nos dias atuais, o Povo Paiter Suruí reivindica melhorias nas áreas da saúde e educação, denuncia as invasões no território e busca construir sentidos de viver neste contexto pós-contato. Sua atuação é evidenciada também na UNIR por meio de pesquisas a respeito de temas de seus interesses, dentre outros trabalhos, citamos: *Alfabetização Intercultural Paiter Suruí: historiografando trajetórias do tempo ágrafo à cultura escrita*, que envolveu: “[...] o tempo da educação tradicional aquela que acontecia de forma integral antes do contato com o branco. [...] e as experiências da alfabetização depois do contato até hoje, na cultura escrita”. (SURUI, 2015, p. 42).

A população Paiter Suruí está distribuída em 28 (vinte e oito) aldeias, dentre estas, a Aldeia *Payamáh* que foi aberta e organizada em 2005 pelo Cacique Naar Mopi Merep Surui, também conhecido pelos não indígenas como João Surui. Antes de abrir esta comunidade, a sua família morava na aldeia Linha 8.

Figura 2 – Vista parcial da Aldeia Payamáh



Fonte: Dados da pesquisa.

Com o intuito de melhorar o cultivo das roças, pesca, caça e coleta de produtos florestais, além de combater a invasão de não indígenas na TI Sete de Setembro, com coragem e determinação, resolveu se mudar para a Linha 7 na companhia de irmãos, cunhado, sobrinhos, sobrinhas e sua mãe, que infelizmente faleceu aos 89 anos de idade.

Figura 3 – Vista parcial da Aldeia Payamáh



Fonte: Dados da pesquisa.

Atualmente a Aldeia *Payamáh* é composta por 15 famílias, ao total 63 pessoas. Cada família tem sua própria roça de café, milho, banana e mandioca. No tempo da coleta da castanha, as famílias se organizam e vão ao mato quebrar castanha para vender. Estas práticas, além do trabalho assalariado e a participação em programas sociais governamentais, asseguram a sobrevivência desta comunidade.

Uma das estruturas que compõe a nossa comunidade é a Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental (EIEEF) *Nagaxip* Surui. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), seu código é 11087803, possui 6 estudantes matriculados e dois docentes.

Figura 4 – Vista da EIEEF Nagaxip Surui



Fonte: Dados da pesquisa.

Esta instituição educativa surgiu no ano de 2010 a partir da necessidade de se oferecer o Ensino Fundamental aos alunos e alunas indígenas que moram na Aldeia Payamá. Neste ano, o atendimento contemplou matrículas de crianças do 2º ao 5º ano nos períodos matutino e vespertino. Sua estrutura inicial era feita de madeira e o piso era rústico.

Atualmente a escola é feita de alvenaria, cobertura de telha, dividida em três espaços referentes à duas salas de aula, banheiro, caixa-d'água e há outra dependência com espaços para refeitório e cozinha. Os dados do INEP apontam que há água filtrada, merenda escolar, sanitário, cozinha, energia elétrica, internet e poço artesiano. Mas, ainda não há sala de professor, quadra de esportes, sala de leitura, não tem retroprojetor ou TV - ambientes e equipamentos importantes para o processo ensino-aprendizagem. (EIEEF NAGAXIP SURUI, 2023).

2. Minhas memórias de infância e alfabetização – aprendizagens interculturais

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1989, p. 9).

Sou Thallis Merekubar Suruí, filho de Naar Mopi Merep Suruí e de Mambeara Suruí, casado com Alessandra Magarmetem Surui, tenho uma filhinha, a Thuanny Pagõa Kuyatem Surui e brevemente serei pai novamente. Já sou professor indígena desde 2015.

Figura 5 – Thallis Merekubar Suruí e família.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na minha infância gostava muito de brincar com meus amigos. Naquele tempo não tinha celular para ver desenho no YouTube, tinha apenas televisão bem antiga. A gente brincava de caçar os passarinhos de estilingue e fazia pequeno arco e flecha, *ur pug*, uma atividade importante, pois é, “Através do brinquedo, a criança entra em contato com um discurso cultural sobre a sociedade [...] a especificidade do brinquedo está no fato de [...] propor situações originais de apropriação e sobretudo em convidar à manipulação lúdica”. (BROUGÈRE, 2010, p. 69-70). Este brinquedo cultural foi presente em minha infância, mas eu era muito ruim de mira e isso era um problema, pois na hora do desafio, venciam quem acertasse uma árvore mais vezes.

Fazíamos brinquedos com os pauzinhos e brincávamos na areia que ficava perto de casa. Depois de brincar horas na parte da tarde, nós íamos tomar banho no rio que ficava perto da aldeia, momento de muitas brincadeiras, como a de apostar corrida para ver quem chegava primeiro na água, *asuidxay*, pois esse poderia molhar os colegas. De acordo com alguns estudos é nesse período das brincadeiras que as crianças “[...] passam a conhecer as regras que todos seguem, as concepções que estão na base que lhes permite situar-se no mundo e interpretá-lo” (NUNES, 2002, p. 72-73).

Isso acontecia depois da aula realizada pela manhã. Nossa brincadeira geralmente ocorria à tarde, depois das 13 horas. Os nossos pais sempre nos diziam

para termos cuidado e às vezes não deixavam a gente se distanciar muito da aldeia. Naquele tempo era muito legal, a gente se divertia muito. Pescávamos e quem pegava mais peixes ganhava e virava o líder da turma, uma prática infantil que confirma que: “As crianças produzem e participam de suas culturas de pares, e essas produções são incorporadas na teia de experiências que elas [...] tecem com outras pessoas por toda a sua vida”. (CORSARO, 2011, p. 39). Assim, vivíamos brincando, isso acontecia até ficarmos cansados ou com fome.

Hoje em dia observo que as crianças da minha aldeia brincam de bola, de roubar bandeira, dominó, baralho, de carrinho comprado na cidade e de tentar furar a bexiga do outro. As crianças da aldeia não brincam como nós brincávamos, como a tecnologia digital faz parte da rotina da comunidade e há internet na maioria das casas, observo que as crianças de hoje gostam mais de assistir desenhos na televisão e ver vídeos no celular, a parte positiva disso é com dois anos de idade, algumas crianças já aprendem a falar algumas palavras em português.

Em relação à educação formal, quando comecei a estudar na escola, eu tinha 6 anos de idade. A experiência de aprender na língua diferente foi difícil. No primeiro dia de aula tinha muita vergonha dos meus colegas, mas aos poucos fui perdendo vergonha e superando as dificuldades. Não sabia o que era alfabeto, vogais e números na escrita na minha língua e na língua não indígena. Na época meu professor era Puxan Surui e o nome da escola era *Sodigah* Surui. Mas hoje essa escola não existe mais devido falta de alunos, pois só tem uma família morando nesta aldeia. As outras famílias que viviam lá se mudaram para outras comunidade, outros abriram novas aldeias.

Esse tempo foi muito bom e importante para minhas aprendizagens, pois apesar das dificuldades, meu professor não deixava eu levar dúvidas para casa. Ele sempre perguntava se alguém tinha dúvidas, mas tinha vergonha de perguntar na frente dos meus colegas. Por isso o professor Puxan vinha na mesa de cada um perguntava e explicava o conteúdo, pois ele sabia que nos primeiros dias nós tínhamos dúvidas. Ele escrevia alfabeto, vogais e consoantes no cartaz e pendurava na parede da escola, assim com os números também. Conhecimento que hoje pratico em minha sala de aula, o que confirma que: “Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito. E por isso que se pode afirmar que a escrita sobre um a realidade pode afetar esta mesma realidade” (CUNHA, 1997, p. 188).

Quando começava e terminava a aula ele sempre fazia leitura com alunos, todo dia era sempre assim. Quem não sabia escrever ele utilizava letras pontilhadas para cobrir, uma atividade orientada pela concepção empirista de acordo com os estudos de alfabetização (WEISZ, 2000). A esse respeito o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), chama atenção para isso: “O professor também deve cuidar para não reproduzir orientações que se inspiram em modelos conservadores de ensino [...], os ‘exercícios de coordenação motora’ que apresentam pontinhos para cobrir e outros. [...]”. (BRASIL 1998: 311).

Em outras situações, o professor vinha na mesa segurava a mão para ensinar a escrever. Com estas atividades, depois de algumas semanas fui aprendendo a ler e escrever. No meu caso, aprendi a copiar pois era mais fácil do que ler. Penso que tinha muita preguiça de ler do que escrever e também fazia muita bagunça. Vendo isso o professor ia na casa dos alunos para conversar com os pais, para auxiliarem na leitura de alfabetos, sílabas e palavras. E falava a bagunça que a gente fazia na escola. Com medo do meu pai fui parando a bagunça e a preguiça também e passei a fazer mais a tarefa de casa.

Às vezes o professor me chamava para participar de reforço em relação a leitura, escrita e números. Fazia leitura dos nomes das colegas, observava e identificava as letras, e quantidades das letras, formava palavras com sílabas. Pedia para a gente fazer leitura de pequenos textos, acompanhava minha leitura junto com colegas, quando eu errava, ele corrigia e assim era com todo mundo, pois:

A aquisição da língua ocorre pela exposição nas trocas com a família e na escola, pela instrução direta, quando as professoras explicam os termos desconhecidos, e pela leitura. Vários estudos mostraram que o hábito da leitura ajuda nesse processo por meio de reformulações explicativas que os próprios textos apresentam quando há palavras difíceis e de estratégias de análise da composição morfológica de derivação das palavras ou dos contextos gramaticais em que estas aparecem. (TEBEROSKY, 2020, p. 34).

Assim, o professor Puxan desenvolvia o trabalho de alfabetização na escola indígena através de desenhos de animais com letras iniciais dos nomes, com isso foi me ajudando a compreender que a escrita serve para a comunicação. A cada dia conseguia fazer identificação da letra, sílaba e palavras. Sempre que lembrava do desenho ou da letra inicial conseguia fazer a leitura e a escrita que o professor pedia. E assim aprendi a ler e a escrever.

3. Sobre as aprendizagens da Alfabetização Intercultural – notas teóricas

No âmbito da concepção de Educação Intercultural situamos o conceito de alfabetização intercultural [...] significa um processo formativo decorrente das relações biculturais ou multiculturais, envolvendo o estudo de duas ou mais línguas e as aprendizagens no campo da leitura e da escrita em uma perspectiva dialógica, onde os elementos culturais de ambas precisam estar em um processo de permanente negociação com vistas a um possível equilíbrio e superação de assimetrias. (NEVES, 2009, p. 183).

No decorrer de nossos estudos, realizamos leituras sobre a Alfabetização Intercultural, por isso neste tópico, destacaremos as partes do texto que mais chamaram nossa atenção referente ao capítulo “Cultura escrita e oralidade na T. I. Igarapé Lourdes”. (NEVES, 2009). Foi possível compreender, dentre outros aspectos, que as aprendizagens da escrita nas aldeias indígenas estudadas, referentes aos povos indígenas Arara Karo e Gavião Ikolen, residentes na Terra Indígena Igarapé Lourdes, Ji-Paraná, Rondônia, passaram a ocorrer em língua indígena e em língua portuguesa por meio da atuação de docentes indígenas em perspectiva intercultural:

As vozes indígenas parecem nos informar que a Educação Indígena permanece nas aldeias ao lado da Educação Escolar Indígena. Isso porque há determinados saberes que não são nem da ordem do formal, nem da atribuição docente ou do estado, tem a ver com as responsabilidades familiares e sociais no âmbito da cultura, sugerindo novos modos de aprendizagens, circunscrito a um currículo intercultural, mas também a própria coletividade. (NEVES, 2009, p. 251).

Como temos visto hoje em dia, as escolas indígenas têm contribuído muito na aprendizagem dos alunos indígenas no conhecimento da própria cultura e do não-indígena. Estão ligados e caminham no mesmo objetivo de ensinar o aluno a aprender a ler e escrever na própria língua e na língua não indígena. Tem saberes que somente são aprendidos com a família em casa e socialmente. Ali podem dialogar na mesma língua, aprendem histórias do seu povo, mitos, artesanatos entre outros. É muito interessante, porque os alunos compartilham esses conhecimentos aprendidos com pais para colegas na sala de aula.

Outra parte importante na leitura diz respeito às realidades de crianças indígenas que tiveram muitas dificuldades de aprender, crianças que tiveram medo de estudar, porque achavam que nunca iriam conseguir falar, aprender ler e escrever o português.

A minha primeira professora foi Noeli, com ela que eu comecei a estudar, pela primeira vez que eu fui para a escola, não sabia de nada. Quando cheguei na sala que eu vi a professora, eu fiquei com medo dela. Ela começou a perguntar os nomes dos alunos, foi com ela que eu fui alfabetizada, na língua portuguesa. Nesse tempo eu tinha 8 anos, quando ela passou o Alfabeto no quadro para nós lermos, eu tinha muita dificuldade. Depois ela pediu para copiar as letras do Alfabeto no caderno, quando ela falou isso eu fiquei com medo de não conseguir escrever, ainda bem que ela não era brava. Foi assim que aprendi a ler e escrever com tanta dificuldade. Quando eu consegui escrever aquelas letras, eu fiquei muito feliz. (Marli Peme Arara). (NEVES, 2009, p. 252).

Observando isso os professores e professoras indígenas têm utilizado estratégias para atrair crianças indígenas, ao orientar que estudar é muito bom, que a escola é lugar onde podemos aprender muitas coisas. E que o resultado depende de muito esforço, ele pode trazer benefício para família e a comunidade, orgulho de ter um profissional na aldeia.

A parte do texto sobre as atividades iniciais na alfabetização, é semelhante, ao processo quando iniciei o estudo na escola. Nesta época, o meu professor Puxã Suruí utilizou esse método para eu identificar as letras e os nomes dos animais, após os registros, fazia leitura de pequenos textos. Exemplos: *Meko esade xameome atãr ani*, que significa “A onça é muito brava”. A gente juntava nome do animal e outras palavras para formar textos ou frases. Isso facilitou a minha aprendizagem.

As atividades iniciais incluíam a apresentação de palavras e gravuras, com a escrita dos nomes de animais, por exemplo, no caso dos indígenas da etnia Gavião: nekó (onça) e da etnia Arara-Karo, makara (garça) entre outras, após leitura e escrita das palavras o próximo passo era o estudo das frases, características que não diferem do processo de alfabetização de não-indígenas ao estilo das velhas cartas do Abêcê ou mesmo da conhecida cartilha Caminho Suave. (NEVES, 2009, p. 264).

Atualmente, na escola indígena da aldeia *Payamáh*, os professores trabalham em duas línguas, porque é importante valorizar a nossa língua materna do Povo Paiter Suruí e por outro lado, precisamos aprender a língua não-indígena por necessidade de dialogar com os “brancos”.

Sobre a formação de professores indígenas, penso que ela trouxe benefícios para a Educação Escolar Indígena, além de fortalecer o (a) professor (a) dentro das escolas. Nestes cursos, aprendiam como alfabetizar de uma forma intercultural, os conteúdos relacionados a cultura para a valorização das tradições, costumes do povo.

A história de como aconteceu a formação docente indígena é muito importante para nós, atuais professores:

Nas formações, os professores e professoras têm aprendido conteúdos importantes e trabalhado esses conhecimentos nas escolas com os estudantes. Esses processos formativos têm ajudado muito a escola, pois tem fortalecido a educação diferenciada. Dentre outros conteúdos, cito a importância de trabalhar o desenho considerando sua aproximação com a escrita nas atividades pedagógicas, por exemplo:

Esta prática pedagógica sustenta uma possível e próxima relação entre o desenvolvimento do desenho e da escrita, com intensas interações entre os dois sistemas, se partimos do entendimento que o ato de desenhar significa um jeito de conhecer e estabelecer comunicação com o mundo. Expressa aspectos do comportamento infantil na medida em que elabora uma interpretação do real, comunica saberes e sintetiza aprendizagens. A validade do desenho na alfabetização é importante porque possibilita a materialização da representação. (NEVES, 2009, p. 275).

Como docente penso que é importante a criança desenhar, ou seja, deixar criança fazer um desenho espontânea para facilitar sua aprendizagem. Nos primeiros dias de aula, a criança não sabe escrever e muito menos ler. Mas, a partir do desenho pode demonstrar um determinado objeto, pessoa ou animal. Relacionar o desenho com a escrita ajuda o aluno a perceber a relação entre eles. Podemos dizer o desenho vai ser como um tipo de suporte para escrita e vice-versa. E assim a criança vai aprendendo aos poucos e o professor tem que saber que errar, vai fazer parte da vida do aluno que vai ter muitas dificuldades, muitas dúvidas.

Em relação ao bilinguismo, nessa parte do texto, pude perceber que quando comecei a estudar na escola na aldeia, o meu professor me ensinou desta forma. Ele fazia atividades bilíngues, fazia desenhos e pedia para que a gente escrevesse o nome dos desenhos na língua materna e em português. Da mesma forma com textos, história do povo Surui, traduzia na língua materna e em português. Trabalhava com letras (vogais, alfabetos, sílabas) em duas línguas.

As atividades bilíngues em língua Arara-Karo se manifestam desde o início da alfabetização, primeiro por meio do estudo dos dois alfabetos, depois dos textos – as listas de palavras ou em outras atividades propostas como: leitura de letras (alfabeto indígena e português, inicial do nome, letras que compõe seu nome) palavras (listas de nomes dos alunos (as), animais da aldeia, plantas, etc.) e frases; tradução de frases da língua portuguesa para língua materna e vice-versa; desenho do corpo humano, acompanhado da escrita dos nomes das

partes do corpo em língua indígena e em língua portuguesa [...]. (NEVES, 2009, p. 285).

Entendo que não podemos deixar de aprender a nossa cultura, através das escritas dialogamos entre nós Paiter Surui, inclusive por meio de aplicativos como Whatzapp, Facebook, Instagram. Mas também utilizamos eles para dialogar com nossos professores e amigos que são não-indígenas. As escolas indígenas buscam sempre ensinar essas línguas que utilizam no seu dia a dia.

4. Alfabetização Intercultural no Instagram: registros dos saberes Paiter Suruí – experiência como bolsista do PIBITI

A produção de conteúdo digital a partir de estudos sobre a Alfabetização Intercultural constitui um esforço para estabelecer interações com a docência indígena de Rondônia e noroeste do Mato Grosso através das redes sociais na perspectiva da Ciência Aberta – possibilidade colaborativa de disseminação de saberes científicos. Temos observado que há um conjunto de materiais importantes que podem ser disponibilizados para a reflexão docente. (NEVES, SURUI; SURUI, *et al.*, 2022b, p. 3).

Neste tópico, apresentaremos alguns aspectos do estudo referente a nossa participação como o primeiro bolsista CNPq no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). O Plano de Trabalho “Alfabetização Intercultural no Instagram: registros dos conhecimentos Paiter Suruí”, um desdobramento do Projeto de Pesquisa: “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena”, orientou as atividades desenvolvidas. O projeto foi institucionalizado pela Portaria nº 29/2021/PROPESQ/UNIR e depois apresentado ao Edital nº 2021/PIBITI/DPESQ/PROPESQ/2021, ocasião em também foi aprovado.

A motivação que impulsionou esta proposta investigativa levou em conta o fato da inexistência de canais digitais sobre a aquisição da leitura e da escrita em contextos indígenas. Foi desenvolvida de março de 2021 a agosto de 2022 pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus Urupá de Ji-Paraná, através da Licenciatura em Educação Básica Intercultural/Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA) na Aldeia *Payamáh*, Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental (EIEEF) *Nagaxip* Surui na Terra Indígena (TI) Sete de Setembro, município de Cacoal, estado de Rondônia.

Assim, o Plano de Trabalho: “Alfabetização Intercultural no Instagram: registros dos conhecimentos Paiter Suruí” referente ao ciclo 2021-2022, teve a finalidade de disponibilizar conteúdos digitais sobre o aprender a ler e a escrever a partir de estudos publicados sobre o assunto. Foi uma atividade colaborativa porque parte da leitura de trabalhos acadêmicos sobre alfabetização, produzidos por professores e professoras indígenas egressos da Licenciatura Intercultural e, porque ao ser sistematizado e reeditado em um conteúdo digital com linguagem pedagógica adequada às redes sociais, possibilita processos de interatividade, pois: “[...] ampliar a concepção de Alfabetização Intercultural por meio das redes sociais tem sido importante para visibilizar de forma geral aspectos de interesses indígenas na contemporaneidade, caso do ingresso inicial na cultura escrita”. (NEVES, 2022, p. 26).

Foram realizadas as leituras de materiais bibliográficos de dois professores do Povo Paiter sobre alfabetização: a monografia “Processos próprios de alfabetização em Paiter Suruí” produzida por Garixamã Suruí (2015) e o artigo “Alfabetização Intercultural Paiter Suruí: ler e escrever com foco na cultura escrita” de autoria de Suruí e Neves (2021). A sistematização deste trabalho está disponibilizada no Relatório final do PIBITI junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESq) da Universidade Federal de Rondônia e no Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA). Assim, para este trabalho, apresentaremos um resumo, por meio de dois exemplos para um melhor entendimento do assunto.

Posteriormente, produzimos os conteúdos digitais para postagem na rede social Instagram, identificado como Alfa_intercultural, uma ação do Projeto de Pesquisa: “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena”. Avaliamos como adequado a utilização das redes sociais como mecanismo de desenvolvimento e transferência de novas tecnologias e inovação por meio de atividades que favoreçam o pensamento sobre o sistema de escrita no dia a dia da sala de aula nas aldeias.

A esse respeito, produzimos conteúdo digital a partir do TCC de Garixamã Suruí (2015). Este professor foi aluno da UNIR no curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural. Observei que ele desenvolve várias atividades envolvendo o bilinguismo, uma prática necessária nas salas de alfabetização tendo em vista os contextos indígenas que utilizam a língua indígena e a língua portuguesa em sua comunicação. Através de pequenos textos, ilustrados pelas próprias crianças e sobre assuntos de sua realidade elas escrevem utilizando as duas línguas:

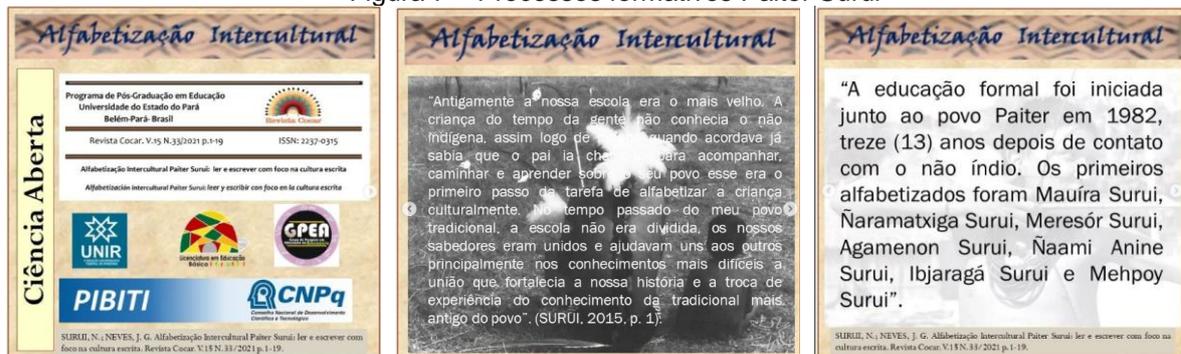
Figura 6 – Bilinguismo



Fonte: Instagram alfa_intercultural

Outro tema que foi postado na rede social Instagram tratou da Educação Indígena Paiter, processo formativo que acontecia em tempos outros, por meio da oralidade. Este conteúdo digital foi produzido a partir do TCC de Naraykopega Surui (2015), que também estudou na UNIR. Apresenta também reflexões importantes sobre a implementação da Educação Escolar Indígena, informando os nomes dos primeiros indígenas Paiter que aprenderam a ler e escrever certo tempo depois do contato, conforme as imagens abaixo:

Figura 7 – Processos formativos Paiter Surui



Fonte: Instagram alfa_intercultural

Avaliamos que a docência na alfabetização exige cada vez mais um (a) profissional que compreenda a importância de sua atuação com autonomia (FREIRE, 1996), na condição de intelectual intercultural atento a estas questões, considerando a importância da cultura escrita no mundo atual, pois: “A inclusão digital deverá promover um grande avanço educacional no Brasil, mas exigirá novos modelos pedagógicos, a produção de conteúdos digitais e muito apoio aos professores. [...]”. (BRASIL, 2016, p. 99). E os povos indígenas deverão participar destes processos.

Como já afirmamos em outras oportunidades, entendemos que “[...] a divulgação de produtos científicos interculturais por meio da popularização pela C&T, Ciência e Tecnologia pode representar uma forma diferenciada de fazer formação continuada e produzir material didático”. (SURUI; NEVES, 2023, p. 4). Tanto a formação como o material didático assumem novas feições nos espaços digitais.

5. Análise de sondagem na alfabetização em contexto indígena Paiteer Surui

[...] as crianças pensam a propósito da escrita, e seu pensamento tem interesse, coerência, validade e extraordinário potencial educativo. Temos o dever de escutá-las. Temos de ser capazes de escutá-las desde os primeiros balbucios escritos [...]. (FERREIRO, 2002, p. 36).

De acordo com as leituras e as reflexões desenvolvidas na Linha de Pesquisa Alfabetização e Cultura escrita, através do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA), bem como na disciplina Língua e Literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental foi possível entender que a sondagem é uma estratégia importante de levantamento de conhecimentos prévios das crianças. A esse respeito, o Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado: Alfabetização, define que:

A sondagem é um dos recursos de que o professor dispõe para conhecer as hipóteses que os alunos ainda não-alfabetizados têm sobre a escrita alfabética. É um momento em que também o aluno tem oportunidade de refletir enquanto escreve, com a ajuda do adulto. (BRASIL, 1999, p. 69).

Ao desenvolver esta atividade na TI Sete de Setembro percebi que ela pode ser feita também com as crianças indígenas, pois desse modo podemos observar as escritas e analisar os saberes infantis no momento de sua produção. Exige um planejamento, pois é preciso definir como será a sondagem, mediante:

[...] uma relação de palavras acompanhadas ou não de frases, uma produção espontânea de texto ou qualquer outra atividade de escrita, desde que seja acompanhada de uma leitura imediata do aluno. Por meio da sondagem podemos perceber se o aluno faz ou não relação entre fala e escrita e, se faz, de que tipo é a relação. [...]. (BRASIL, 1999, p. 69).

A primeira sondagem que realizei foi com a criança Ilhiran Surui, de 5 anos em agosto de 2021. Ele ainda não era matriculado na escola, filho de outro professor indígena da aldeia. Antes de fazer sondagem com a criança conversei com os pais e a criança, expliquei a finalidade do trabalho e pedi a permissão para a realização da

atividade. Após a concordância dos pais e da criança, pedi que desenhasse, escrevesse e lesse do seu jeito, as seguintes palavras referentes a uma lista de frutas que foram ditadas em língua indígena: *mokobah*/banana, *moriliar*/lingá, *ibogah*/mamão, *mãdeah*/jatobá e laranja (sem tradução na língua Paiter). A criança produziu os seguintes escritos e a cada palavra grafada eu pedia que fizesse a leitura, bem como o seu autorretrato com a máscara facial utilizada durante o período da pandemia de covid-19.

Figura 8 – Sondagem de alfabetização com Ilhiran Suruí



Fonte: Dados da pesquisa.

Na hora da sondagem pude perceber que a criança já sabe, que para apresentar ou escrever nomes das frutas precisa utilizar letras. Também já sabe sobre algumas letras como A, B, D, E, I, K, O, P, R, T, X. Teve letras que mais utilizou para escrever os nomes, como letras A, T, X, E, B. Essas observações podem ajudar muito no desenvolvimento da aprendizagem, pois a partir desses conhecimentos que ela já sabe, pode aprender outras letras, pois:

Temos que auxiliar essas crianças em seu caminho para a alfabetização, mas levando em conta sua inteligência e não as tratando como ignorantes. Elas colocam questões legítimas — algumas delas de grande relevância epistemológica — ao pensar a escrita; a mesma escrita reduzida, banalizada e deformada pela tradição escolar, que converte didaticamente um objeto cultural complexo em um instrumento de codificação rudimentar. (FERREIRO (2013, p. 33).

Na imagem seguinte podemos observar que umas letras foram mais utilizadas que outras por Ilhiran Suruí. Ele desenhou muito bem a imagem das frutas. Quando eu fiz análise da sondagem, cheguei à conclusão que a criança escreve na Hipótese Pré-Silábica. Ela escreve de forma como acredita que deveria escrever, na visão da criança a forma que ela escreve está correta.

Figura 9 - Sondagem de alfabetização com Ilhiran Surui



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao eixo qualitativo – isto é a variedade de letras que utiliza em suas escrita, podemos afirmar que já conhece A, B, D, E, I, K, O, P, R, T, X. Quanto ao eixo quantitativo, ou seja a quantidade de letras que usa em cada palavra são 10 caracteres, situação que mostra que:

[...] o processo de alfabetização nada tem de mecânico, do ponto de vista da criança que aprende. Essa criança, se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe na sociedade. (FERREIRO, 1985, p. 7).

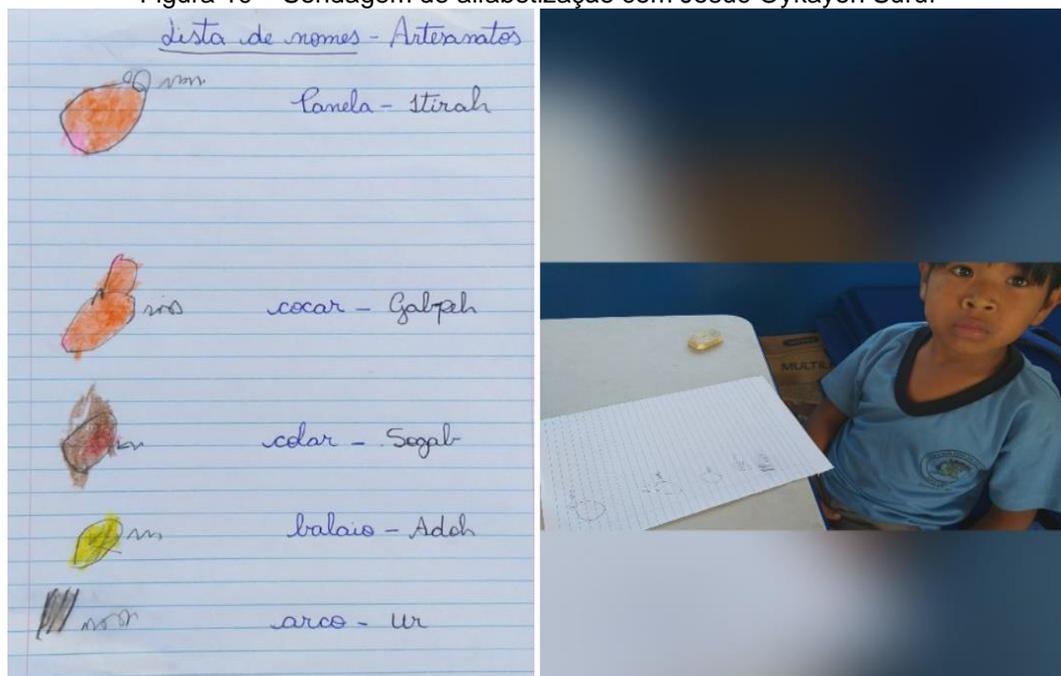
Com todo esse conhecimento que a criança já tem podemos elaborar um planejamento didático para que possa aprender outras letras que não sabe. Acredito hoje que as crianças tem mais facilidade de aprender mais oralmente do que a escrita. Com a utilização de aparelhos como celular, televisão, rádio e com a chegada da internet nas aldeias elas têm contato direto com os desenhos you tube e aprendem a

a falar e cantar as músicas dos desenhos. Para não esquecer a língua materna nós professores temos ensinado também língua materna, na escrita e na oralidade.

A segunda sondagem que realizei foi com a criança Josué Oyokayoh Suruí, de 4 anos. Ele ainda não estava na escola pois não temos Educação Infantil. Ele é muito tímido, por isso teve momentos que não leu muito alto, embora pedisse para ele fazer isso. Também, antes expliquei o objetivo da atividade e pedi aos pais e ao menino a permissão para fazer a sondagem.

Após a concordância dos pais e da criança, pedi que desenhasse, escrevesse e lesse do seu jeito, as seguintes palavras de uma lista de artesanato, que foram ditadas em língua indígena: *itirah*/panela, *gapéh*/cocar, *sogab*/colar, *adoh*/balaio e *ur*/arco. A criança produziu os seguintes escritos e a cada palavra grafada eu pedia que fizesse a leitura:

Figura 10 – Sondagem de alfabetização com Josué Oyokayoh Suruí



Fonte: Dados da pesquisa.

Na hora da sondagem pude perceber que a criança escreve em forma de ziguezague, já entende que os artesanatos têm nome e tem jeito de escrevê-los segundo suas ideias e seu pensamento sobre a escrita. A criança ainda não sabe grafar nenhuma letra. Uma ação que pode “[...] contribuir para uma reflexão sobre a intervenção educativa alfabetizadora a partir dos novos dados oriundos das investigações sobre a psicogênese da escrita na criança. [...]”. (FERREIRO, 1985, p. 7). Nessa análise, cheguei à conclusão que a criança está na Hipótese Pré-Silábica, pois: “As primeiras escritas infantis aparecem, do ponto de vista gráfico, como linhas

onduladas ou quebradas (zigzague), continuas ou fragmentadas [...]” (FERREIRO, 1985, p. 18). Neste caso pode sugerir uma semelhança com as grafias manuscritas.

Aprendemos com as práticas pedagógicas que um bom planejamento pode sim ajudar muito, aos poucos pode aproximar o mundo da oralidade ao da escrita. As atividades que podem ajudar a criança a entender o sistema de escrita são as leituras referentes a rótulos de embalagens de produtos que ela conhece, leitura diária dos números e do alfabeto, além de leituras de músicas ou nomes de personagens de desenhos que gosta.

6. Diário Online de um Professor Paiter Suruí na rede social Instagram

[...] a alfabetização não pode ser reduzida ao mero lidar com letras e palavras, como uma esfera puramente mecânica. Precisamos ir além dessa compreensão rígida da alfabetização e começar a encará-la como a relação entre os educandos e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os educandos. (FREIRE; MACEDO, 1990, p.12).

Neste tópico apresentamos algumas postagens que documentam a prática pedagógica em Alfabetização Intercultural na perspectiva Paiter Suruí na rede social Instagram. É importante registrar que quando iniciei a criação dos conteúdos digitais foi uma experiência muito boa e também desafiadora para mim. Acredito que podemos mostrar o trabalho de alfabetização através de rede social como no Instagram, onde tive oportunidade de mostrar como alfabetizo os meus alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental na minha escola.

Antes de publicar o meu trabalho sempre planejo as atividades na perspectiva da Alfabetização Intercultural, momento em que as crianças participam da reflexão sobre a escrita e a leitura. Busco elaborar atividades que tenha relação com a realidade do aluno que ajude ele a pensar sobre o sistema de escrita e que possa encontrar resposta para uma determinada questão. Além de fazer planejamento, é na criação do conteúdo digital, que identificamos a possibilidade de mostrar uma Alfabetização Intercultural através da rede social, pois este espaço não é só para postar fotos, vídeos, mas também pode ser pensado para a produção de conteúdo digital sobre a educação.

Foi possível disponibilizar registros do que fazemos em sala de aula por meio dos conteúdos digitais que envolvem temas como: produção de desenho livre,

atividades com alfabeto Paiter e em português, alfabeto fixo, alfabeto móvel, sequência numérica, noções de grandeza, letras iniciais, por exemplo. Assim como postagens referentes ao retorno às aulas como a imagem que segue:

Figura 11 – Registro de retorno às aulas.



Fonte: Instagram alfa_interculturalpaiter

Entendo que a participação na produção de conteúdos digitais poderá significar oportunidade de aprendizagem sobre os recursos educacionais abertos, bem como, uma forma de lidar com as redes sociais de forma mais propositiva. São conhecimentos que ampliaram a minha formação na Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR – Campus Urupá de Ji-Paraná.

No começo da alfabetização gosto muito de trabalhar com a produção de desenho. É uma forma de assegurar a participação das crianças em seus processos de aprendizagem. A tarefa que foi proposta nesta aula foi fazer um desenho espontâneo, pois: “Quando a criança desenha livremente, ela já está elaborando ideias sobre a escrita. Está em processo de aquisição da língua escrita”. (BRASIL, 1998, p. 136). Assim como a escrita, o desenho significa a representação de algo.

Observei que a criança desenhou o cachorro dele e quis pintar de vermelho. Ele ficou muito feliz e animado por desenhar. E no outro dia desenhou a mãe junto com ele, estavam passeando, depois escreveu o seu nome. Penso que o desenho é muito importante na alfabetização, pois a criança pode comunicar através do papel o seu pensamento usando sua imaginação e criatividade. Em minhas aulas, sempre peço para as crianças representarem suas perspectivas através do desenho livre.

Figura 12 – Desenhando...



Fonte: Instagram alfa_interculturalpaiter

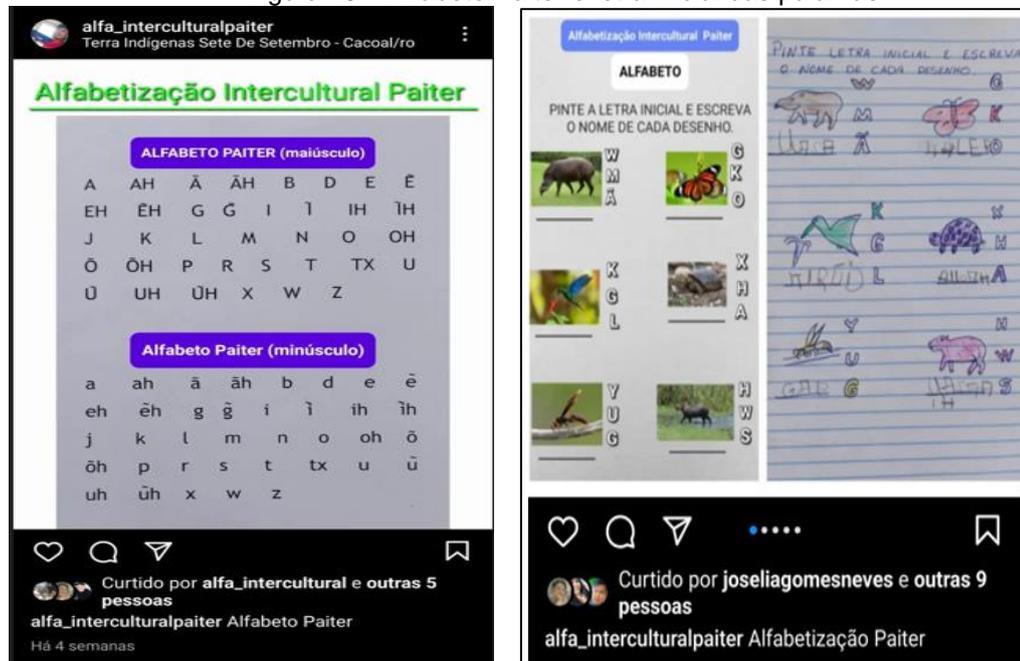
Outra atividade fundamental é a apresentação do alfabeto - em língua Paiter e/ou portuguesa, para as crianças aprenderem os nomes de cada letra, pois: "[...] O alfabeto da classe é um companheiro permanente para quem ensaia os primeiros passos no universo da escrita". (RATIER, 2009, p. 1). Além disso, a exposição deste material será bem aproveitada para a leitura coletiva diária, para a atividade de consulta na hora da realização das tarefas, concordamos que:

Para que o alfabeto realmente ajude na compreensão do funcionamento da escrita, é preciso saber usá-lo. Isoladamente, ele não é nada além de uma lista de letras. Apenas mandar a garotada ler a sequência de A a Z não faz ninguém avançar na alfabetização. [...]. Memorizar a ordem das letras é importante, mas esse saber deve ser acionado pelas crianças durante atividades de reflexão sobre a escrita [...]. (RATIER, 2009, p. 1).

Assim, nesta atividade referente a figura 13, a intenção pedagógica foi incentivar as crianças a fazerem relação entre a fala e a escrita, a imagem e a letra inicial de cada palavra. A partir da mobilização destes saberes foi possível identificar a inicial das palavras referentes à lista de nomes de animais que elas conhecem, na língua materna, tendo como material de consulta o alfabeto Paiter, tais como: anta,

borboleta, beija-flor, tartaruga, maribondo, por exemplo. Depois da identificação, o passo seguinte foi produzir escritas espontâneas sobre estas palavras.

Figura 13 – Alfabeto Paiter e letra inicial das palavras.



Fonte: Instagram alfa_interculturalpaiter

Mas, além do alfabeto fixo, que é importante para o conhecimento do nome das letras e principalmente para a compreensão da sequência alfabética, que é saber que depois da letra “A”, vem a letra “B”, depois a letra “C” e assim por diante, caso do alfabeto em língua portuguesa, saber importante sobre o sistema de escrita, é necessário trabalhar com as letras “soltas”, o alfabeto móvel: “[...] um recurso que possibilita uma aula diferenciada e agradável para o professor e aluno, permitindo uma maneira mais rápida de construção da leitura e escrita [...]”. (VASCONCELOS, 2016, p. 6).

Neste sentido, a atividade que segue envolveu o uso do alfabeto móvel que foi confeccionado com a colaboração das crianças que ajudaram a recortar e a colar as letras. De acordo com os estudos sobre a alfabetização, “[...] o conhecimento do nome das letras tem sido apontado como uma das variáveis que melhor predizem os resultados na aprendizagem da leitura e escrita”. (BARRERA; SANTOS, 2016, p. 1). Nesta direção, este material é fundamental na alfabetização porque possibilita a aprendizagem do nome das letras e ajuda na formação de palavras. Assim que concluímos o trabalho, as crianças já queriam escrever nomes de seus pais, animais, foi um momento marcado pela interação entre os pares.

Figura 14 – Alfabeto móvel



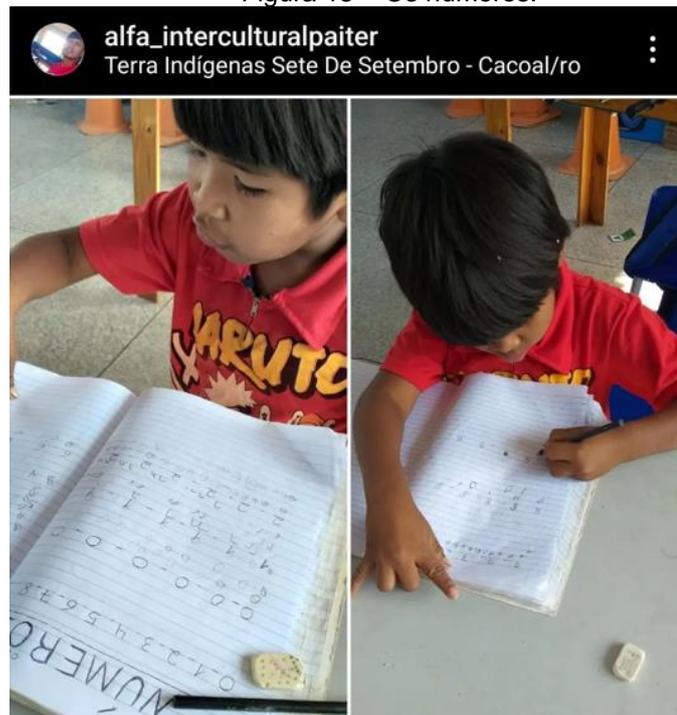
Fonte: Instagram alfa_interculturalpaiter

Observei que faziam perguntas entre si, como: que animal começa com letra “A”, o colega respondia, “Amoa”, que em português significa, “Tartaruga”. Assim, aproveitando esta situação eu solicitava ao grupo que escrevesse com as letras móveis a palavra tartaruga, pois percebo que gostam muito de brincar com essas letrinhas soltas.

Outro conteúdo postado diz respeito à Matemática, componente curricular importante no processo de alfabetização. Reconhecemos que “As crianças, nos mais diversos contextos socioeconômicos e culturais, estão imersas em um mundo de notações matemáticas desde o momento em que chegam ao mundo”. (BRIZUELA, 2006, p. 17). Estes conhecimentos iniciais foram importantes para o desenvolvimento da atividade que envolveu o estabelecimento de relação entre a quantidade e os objetos, bem como na identificação do algarismo correspondente.

Depois fizemos a leitura coletiva dos números em língua Paiter e dos não indígenas. É uma aprendizagem importante a sequência numérica, pois contribui para a criança se apropriar do conceito de número. Trabalhamos também o valor posicional dos números, conhecimento que ajuda a compreender que o número 15 é diferente do número 51, embora tenham os mesmos algarismos.

Figura 15 – Os números.



Fonte: Instagram alfa_interculturalpaiter

Em uma outra aula, a proposta foi trabalhar com as crianças o conteúdo matemático sobre noções de grandeza, momento em que conversamos sobre as diversas formas dos objetos ao nosso redor.

Figura 16 – Noções de grandeza e quantidade.



Fonte: Instagram alfa_interculturalpaiter

Demonstrei à turma que essas grandezas podem ser representadas em língua Paiter e em língua portuguesa, como: *patakap ah poyal*/círculo grande, *patakap ah ixin*/círculo pequeno, *xato ah*/alto, *iped ud*/baixo, *pasaah*/grosso e *txapoh ud*/fino.

Embora o tema de estudo seja da área da matemática, isso não impediu a reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita, pois puderam aprender que há palavras grandes e pequenas, com muitas letras e com poucas letras, parecidas e diferentes, um saber importante na alfabetização, porque “[...] a escrita nas aulas de matemática surge como mais um veículo potencializador de aprendizagens”. (BARBOSA; NACARATO; PENHA, 2008, p. 82).

As postagens apresentadas foram extraídas da prática pedagógica desenvolvida em minha sala de aula na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental (EIEEF) *Nagaxip* Suruí. A partir destas atividades foram selecionados os temas e registros fotográficos, depois, gerados e disponibilizados na rede social Instagram como conteúdo digital. Foi um momento em que pude refletir mais sobre o trabalho que desenvolvo em sala de aula, pois concordo que: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. (FREIRE, 1996, p. 22).

Deste modo, a experiência desenvolvida neste trabalho pode ser caracterizada como uma ação de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT), uma vez que há transferência de novas tecnologias por meio da rede social Instagram e que até o momento corresponde a 33 publicações e 64 seguidores. É uma forma de ampliação e popularização da Ciência e Tecnologia, pois estabelece interações com a docência indígena a respeito do trabalho pedagógico na área da Alfabetização Intercultural, especialmente junto aos educadores e educadoras Paiter Suruí.

Esperamos que este estudo possa contribuir na educação dos jovens estudantes Paiter Suruí que atualmente estão cursando a Licenciatura em Educação Básica Intercultural na Universidade Federal de Rondônia, Campus Urupá de Ji-Paraná. Uma forma de ampliação de seus conhecimentos sobre Alfabetização Intercultural e redes sociais.

E que possa ajudar na reflexão de outros professores ou professoras indígenas que têm responsabilidade de favorecer o ingresso das crianças e adultos às culturas do escrito. Um jeito de comunicar saberes, de compreender que além da diversão, o acesso à rede social pode representar também um momento de formação.

Considerações Finais

A preocupação a respeito de como as crianças indígenas aprendem a ler e a escrever na atualidade foi a principal motivação para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) produzido na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Urupá de Ji-Paraná, através da Licenciatura em Educação Básica Intercultural e do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA). Envolve as relações entre Alfabetização Intercultural Indígena e os contextos digitais.

Em decorrência disso seu principal objetivo foi documentar a prática pedagógica sobre as aprendizagens iniciais da leitura e da escrita que acontece na EIEEF *Nagaxip* Surui, Aldeia *Payamáh* na Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal-RO por meio da rede social Instagram de 2022-2023 por meio da pesquisa (Auto)biográfica e da pesquisa documental.

Além disso, registramos um pouco da experiência desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) como bolsista CNPq através do Plano de Trabalho “Alfabetização Intercultural no Instagram: registros dos conhecimentos Paiter Surui”, um recorte do Projeto de Pesquisa: “Alfabetização Intercultural no Instagram: exercícios de formação docente indígena” (2021-2022), pois a partir deste trabalho é que pensamos no tema deste TCC.

Foi possível observar que a atividade desenvolvida se caracterizou como uma ação de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT) de caráter formativo viabilizada pela transferência de novas tecnologias por meio da rede social Instagram. O processo de produção, seleção e postagens de conteúdos digitais sobre alfabetização em contextos indígenas nas redes sociais além de favorecer a reflexão sobre a prática pedagógica intercultural, de propor um outro formato de material didático, pode contribuir para a disseminação do conhecimento educacional e para a visibilidade dos povos indígenas.

Entendo que através das publicações no Instagram é possível contribuir na formação docente, de quem está entrando para a profissão, ou seja, dos (as) professores (as) iniciantes. Um momento em que podem ver a publicação no Instagram e decidir se aqueles conteúdos podem ser trabalhados com seus alunos e alunas dentro do seu contexto social, podem compreender a ideia de como ensinar as crianças indígenas de forma intercultural.

E por isso, eu pretendo prosseguir nesse trabalho de publicação no Instagram porque acredito que além de ajudar a pensar sobre o que faço em sala de aula, através desta atividade posso contribuir na formação de outros professores e professoras da área da alfabetização em contextos indígenas.

Referências

BARBOSA, Kelly C. Betereli A.; NACARATO, Adair Mendes; PENHA, Paulo César da. A escrita nas aulas de matemática revelando crenças e produção de significados pelos alunos. **Série-Estudos** - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande - MS, n. 26, p. 79-95, jul./dez. 2008.

BARRERA, Sylvia Domingos; SANTOS, Maria José dos. Conhecimento do nome das letras e habilidades iniciais em escrita. **Boletim - Academia Paulista Psicologia** v. 36 n. 90, São Paulo, jan. 2016.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares em Ação**. Alfabetização. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2022**. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Brasília, 2016.

BRIZUELA, Bárbara M. **Desenvolvimento Matemática na Crianças**: explorando Notações. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2010.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

EIEEF NAGAXIP SURUI. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/11087803-eieef-nagaxip-surui> Acesso em: 20 mai. 2023.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 23. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo, Cortez, 2002.

FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**. São Paulo, Cortez, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 21. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MINDLIN, Betty. **Nós Paiter**. Os Suruí de Rondônia. Petrópolis: Vozes, 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas**. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara SP, 2009.

NEVES, Josélia Gomes; SURUÍ, Carolina Pathiweiway; SURUÍ, Oyagui Maycon; SURUÍ, Thallis Merckubar. Sobre a Tradição e a Tradução - releitura de Nós Paiter de Betty Mindlin por estudantes Suruí. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 22, n. 48, p. 71-92, maio/ago. 2022a.

NEVES, Josélia Gomes; SURUI, Carolina Pathiweiway; SURUÍ, Oyagui Maycon; SURUÍ, Merckubar. Extensão inovadora no Instagram: dialogias em Alfabetização Intercultural com docências indígenas. **Anais Congresso de Educação, Linguagem e Tecnologias**. (CELT), 2022b. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/celt2022/528548-extensao-inovadora-no-instagram-dialogias-em-alfabetizacao-intercultural-com-docencias-indigenas/> Acesso em: mai. 2023.

NEVES, Josélia Gomes. Alfabetização Intercultural - exercícios de formação docente indígena na pandemia por meio do Instagram. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 168, 2022.

NUNES, Angela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A "uwe-xavante. In: LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Angela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva Macedo. (orgs.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

RATIER, Rodrigo. O Alfabeto não Pode Faltar. **Revista Nova Escola**. mar. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/entrar?voltar=/conteudo/3151/o-alfabeto-nao-pode-faltar> Acesso em: 20 mai. 2023.

SURUI, Garixamã. **Processos próprios de alfabetização Paiter Surui**. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Campus de Ji-Paraná. Universidade Federal de Rondônia. Departamento de Educação Intercultural. (DEINTER). 2015.

SURUI, Naraykopega. **Pamin paje timi ter pajeor sodíg om saba pamuga akobah ewetig, ahkarbame Paiter ekobabe sade sodig emi ewesame xagud emãhme tig/** Alfabetização Intercultural Paiter Suruí: historiografando trajetórias do tempo ágrafo à cultura escrita.. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, 2015.

SURUI, Joaton Pagater. **A escrita da língua materna nas escolas indígenas Paiter Surui - ãh sodig nã goe tig esade Paiter ey emã sodihg ah ey ka ewe**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Federal de Rondônia. Campus Porto Velho-RO, 2018.

SURUI, Naraykopega; NEVES, Josélia Gomes.. Alfabetização Intercultural Paiter Surui: ler e escrever com foco na cultura escrita. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 15, n. 33, 2021.

SURUI, Thallis Merekubar. NEVES, Josélia Gomes. Reflexões sobre alfabetização Paiter Surui nas redes sociais. **Revista P@rtes**, São Paulo - SP, [s. n.], p. 1-5, fev., 2023.

TEBEROSKY, Ana. **Palavras às professoras que ensinam a ler e escrever**. [livro eletrônico]. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

VASCONCELOS, Jessica Queiroz. O alfabeto móvel como um recurso para o desenvolvimento da leitura e escrita da criança. **Anais do VIII Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25445>. Acesso em: 26/06/2023.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

Entrevistas

Entrevista com **Naar Mopi Merep** coletada por Thallis Merekubar Surui em maio de 2023 na Aldeia *Payamáh*, Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal, Rondônia.

Entrevista com **Ilhiran Surui** (sondagem de alfabetização) realizada por Thallis Merekubar Surui em agosto de 2021 na Aldeia *Payamáh*, Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal, Rondônia.

Entrevista com **Josué Oykayoh Suruí** (sondagem de alfabetização) realizada por Thallis Merekubar Surui em setembro de 2021 na Aldeia *Payamáh*, Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal, Rondônia.